

“Hoje, desenhar a cidade e nela intervir é também compreender e conhecer a cidade antiga e a cidade moderna, as suas morfologias e processos de formação.”

(LAMAS, José M. Ressano Garcia, pág. 28)

## INTRODUÇÃO

A cidade ...

Todos a conhecem. Amada por uns e odiada por outros. Lugar de encontros e de desencontros; de memórias e de história; do conhecimento e de divertimento; de escolhas e de trocas. Palco de transformações e interações.

Gosto da cidade, sobretudo de a observar. Ela transforma-se, cria-se e recria-se a cada dia. Em cada esquina há uma descoberta, uma forma, uma memória, um “olhar” indiscreto, uma história de vida. Enfim, na cidade há vidas, de ontem e de hoje, que se cruzam e misturam, acabando por se renovar e recriar.

A cidade é um teatro com múltiplos actores e espectadores.

Enquanto espectadora da cidade observo-a incessantemente para a conhecer e interpretar. Procuo compreender as suas formas, os seus lugares, os seus espaços. Comparo-a com o seu passado e com o seu semelhante. Analiso-a para actuar.

O estudo que aqui se apresenta é sobre a cidade do Funchal, os seus lugares e espaços, os seus actores, os cantos e recantos onde se escondem e guardam as memórias e os testemunhos da “cidade do açúcar”, da “cidade do vinho” e de todas as que lhes sucederam e que se transformaram na actual Cidade do Funchal.

Na realidade, no actual centro da cidade do Funchal, permanecem ainda os traçados das ruas quinhentistas e seiscentistas, os edifícios e as torres “avista- navios” de setecentos, as muralhas de protecção das ribeiras do século XIX e a “modernidade” das avenidas e dos parques do século XX. Uma história de memórias que testemunham o crescimento e a expansão da cidade desde o pequeno núcleo urbano em Santa Maria até às avenidas localizadas a Oeste, junto à Ribeira de São João.

A cidade tem mudado e com ela a sua imagem. Apesar do traçado das ruas e da forma dos quarteirões permanecerem quase imutáveis ao longo destes cinco séculos, a verdade é que ela vem se transformando sobretudo com a construção de edifícios que, século após século, a vão preenchendo. Hoje, com um “ar” mais cosmopolita, os seus espaços “vazios” há muito abandonados e esquecidos vêm sendo transformados em praças e jardins, que aos poucos devolvem a cidade aos seus habitantes.

### **0.1. A morfologia urbana da cidade do Funchal e os seus espaços públicos estruturantes**

O objecto deste estudo é a *morfologia urbana da cidade do Funchal e os seus espaços públicos estruturantes*. O conhecimento e compreensão da morfologia urbana, ou seja, das variações da forma da cidade, dos seus elementos morfológicos, e dos fenómenos que lhe deram origem, é fundamental para uma intervenção urbanística consciente e inovadora.

Assim, neste estudo, que abrange o actual centro da cidade do Funchal, foi dada especial atenção aos elementos morfológicos da cidade, de onde se destacam os espaços públicos – a rua e a praça. Estes elementos que ligam os vários espaços e partes da cidade e que lhe dão continuidade, estão directamente relacionados com o seu processo de formação e de crescimento. Além disso, o

seu carácter de permanência, que lhes permite resistir às transformações urbanas, constitui uma mais valia para o estudo e a compreensão da cidade.

Esta análise da morfologia urbana da cidade do Funchal e dos seus espaços públicos estruturantes abrange um período de 500 anos. Período cujos limites coincidem com a elevação da vila do Funchal à categoria de cidade – em 21/08/1508 – e a comemoração dos seus quinhentos anos – 21/08/2008.

Numa primeira fase, foi feita uma investigação a nível da história desta cidade, o que permitiu identificar e analisar os momentos mais significativos do seu crescimento e transformação.

Posteriormente, efectuou-se um levantamento e uma recolha de documentos cartográficos e iconográficos em arquivos, bibliotecas e museus da Região Autónoma da Madeira e do Continente –Arquivo Regional da Madeira, Arquivo Histórico Ultramarino, Gabinete de Informação Geográfica da Câmara Municipal do Funchal; Sociedade Portuguesa de Geografia; Biblioteca Pública Regional da Madeira, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Municipal do Porto; Museu Quinta das Cruzes e Casa Museu Frederico de Freitas –, os quais foram utilizados como uma das bases fundamentais para a sustentação do trabalho de investigação.

É de salientar que neste estudo privilegiou-se como fontes primárias de investigação a utilização de documentos materiais, não escritos, tais como cartografia e iconografia – pintura, gravura, desenho e fotografia –, que foram conjuntamente e dialecticamente complementados com diferentes documentos escritos, sobre as quais falaremos mais à frente.

Seguiu-se um trabalho de campo para a identificação de permanências, na cidade contemporânea, quer ao nível de traçados e de espaços públicos, quer ao nível de “testemunhos” edificados

referentes aos momentos mais marcantes do crescimento e da transformação da cidade, e que se traduziu fundamentalmente num trabalho fotográfico.

Identificados os momentos mais significativos do desenvolvimento da cidade, encontradas as fontes documentais, em nosso entender, mais adequadas ao apoio e à sustentação da nossa tese e recolhidas as fontes cartográficas e iconográficas, passou-se à fase de elaboração da cartografia caracterizadora da morfologia urbana da cidade do Funchal nos últimos cinco séculos.

Para este estudo foram elaborados vários mapas, onde foram concertadas plantas da Cidade do Funchal de diferentes épocas sobre o ortofotomapa de 2004, o qual constituiu a nossa base de trabalho.

Este foi um dos nossos principais desafios, que exigiu muitas horas de dedicação, uma vez que algumas dessas plantas, sobretudo as dos séculos XVI, XVIII e XIX, apresentavam não só escalas com unidades distintas, mas sobretudo inúmeras discrepâncias ao nível de distâncias entre diferentes pontos da cidade. Saliente-se no entanto que estas diferenças encontradas são perfeitamente compreensíveis tendo em atenção a época em que estas plantas foram elaboradas, com métodos e técnicas de levantamento da cidade e de elaboração das cartas ainda pouco desenvolvidos. Além disso, é preciso ter em atenção as deformações provocadas quer pelo material onde estas foram inicialmente desenhadas – seda, cambraia de linho e papel – quer pelo modo como algumas delas foram reproduzidas.

Para melhor ajustar as cartas ao ortofotomapa foram considerados três pontos de referência – a Sé Catedral, a Fortaleza/Palácio de São Lourenço e o Forte do Pico – os quais ajudaram a compreender melhor os desvios existentes em cada uma das plantas.

A elaboração destes mapas, embora inicialmente tenha parecido uma tarefa impossível, acabou por revelar-se um trabalho entusiasmante e que, aos poucos, foi revelando “cidades” que ainda hoje são perceptíveis na malha urbana do Funchal.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos:

- Capítulo 1. *A cidade e a sua morfologia urbana* – constitui um capítulo introdutório onde se fala da cidade e da morfologia urbana, tema no qual o nosso trabalho se insere, e de conceitos a ele associados. Apresenta, ainda, uma abordagem geral da morfologia urbana das cidades portuguesas e dos primeiros núcleos urbanos construídos fora do território continental no século XV;

- Capítulo 2. *A Cidade do Funchal e a sua morfologia urbana* – aborda a cidade do Funchal desde o século XVI até ao século XX. Organizado cronologicamente, este capítulo faz para cada século uma abordagem dos momentos mais significativos da história da cidade e a caracterização morfológica da sua estrutura urbana;

- Capítulo 3. *O Funchal do século XXI – uma cidade voltada para o ambiente* – este capítulo, numa primeira parte, analisa a importância da natureza, sobretudo do mar e das ribeiras, nesta cidade, seguindo-se a identificação dos desafios que a actual cidade determina e a apresentação de algumas medidas para que esta possa no futuro ser mais flexível, atractiva e vivida.

## 0.2. Fontes documentais

Pierre de Saint-Georges afirma que “não existe investigação sem documentação”<sup>1</sup>. Num trabalho de investigação, tem de existir “uma documentação de fundo ligada, por um lado, à formação teórica de base e, por outro, ao domínio de investigação preciso em

---

<sup>1</sup>Albarello, L. e outros. (1995). Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva, pág. 15.

que estamos empenhados”<sup>2</sup>. As fontes de documentação são diversificadas, sendo escolhidas em função do trabalho que se pretende fazer. Saint-Georges alerta para a necessidade de haver complementaridade entre diferentes fontes, salientando que “é raro uma única fonte esgotar a investigação” e que, embora todas tenham o seu interesse, “a síntese do conjunto é ainda mais rica”<sup>3</sup>.

Neste trabalho foram sobretudo as fontes documentais não escritas que constituíram a documentação de fundo ligada ao domínio da investigação. O estudo da morfologia urbana do Funchal apoiou-se fundamentalmente na cartografia urbana e na iconografia<sup>4</sup>. No entanto, apesar destas fontes constituírem uma excelente base de investigação, a sua validade só foi possível porque foram utilizadas conjuntamente e dialecticamente com diferentes documentos escritos.

Na realidade, as fontes documentais escritas foram um importante e imprescindível aliado na nossa investigação. A existência de um vasto espólio documental sobre a cidade do Funchal, ainda que disperso por diferentes arquivos e bibliotecas, foi essencial para a nossa pesquisa. Contudo, foi exactamente este elevado número de documentação disponível que nos obrigou a restringir a nossa investigação.

Correndo o risco de omitir alguma fonte primordial, fomos numa primeira fase listando as fontes documentais citadas em diferentes fontes bibliográficas e ouvindo a opinião de alguns especialistas. Posteriormente, após uma cuidada selecção, procurou-se consultar essas mesmas fontes, as quais constantemente nos remeteram para outras, que, por vezes,

---

<sup>2</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 16.

<sup>3</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 21.

<sup>4</sup> Se bem que a iconografia - pintura, gravura, desenho e fotografia – constituiu mais um “testemunho” que veio complementar a leitura da cartografia e de documentos escritos.

conduziram a novas pesquisas. Em termos de bibliografia consultada, que também é abundante, optamos em primeiro lugar, e sempre que possível, por autores da época ou por autores que são de referência indispensável e unânime e, ainda, por autores especialistas em cada uma das diferentes épocas. Depois, foi nossa opção recorrer a revistas da especialidade e a trabalhos recentes, tais como textos publicados em revistas, actas de colóquios e teses de mestrado, os quais nos deram uma visão mais actualizada e diversificada do conhecimento das diferentes épocas.

Assim, em termos de pesquisa em fontes originais, salientamos os documentos manuscritos do *Arquivo de Marinha e Ultramar*, inventariado por Eduardo de Castro e Almeida, que se encontram no Arquivo Histórico Ultramarino e que abrangem o período compreendido entre 1613 e 1819; os documentos do *Arquivo Histórico da Madeira*, consultados no Arquivo do Funchal; e as Actas da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Funchal – de 1935 a 1946 – inventariadas por Agostinho Lopes e por ele gentilmente cedidas para consulta.

Relativamente à bibliografia consultada, fundamental para a fundamentação, compreensão e caracterização da morfologia urbana da cidade do Funchal, temos a salientar os trabalhos dos seguintes autores: Abel Marques Caldeira, Alberto Vieira, Aldo Rossi, Álvaro Manso de Sousa, António Aragão, Bruno Zevi, Camillo Sitte, Fernando Augusto da Silva, Gaspar Frutuoso, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Jane Jacobs, José Manuel Fernandes, Nélson Veríssimo, Manuel Teixeira, Rui Carita e Rui Nepomuceno.

As publicações periódicas e outros documentos a que recorreremos e valorizamos em termos de consulta, foram a revista *Islenha*, com publicação semestral; as palestras e conclusões das mesas redondas do Colóquio de Urbanismo realizado no Funchal em 1969; e as Actas do I, II e III Colóquio Internacional de História da Madeira, realizados, respectivamente, em 1986, 1989 e 1993.

O sítio da NESOS<sup>5</sup> constituiu ainda uma importante base de dados de história das Ilhas Atlânticas.

Saliente-se, no entanto, que para além destas fontes que acabamos de mencionar, existiram muitas outras, que se encontram indicadas na bibliografia, cuja leitura foi fundamental para aprofundar e consolidar alguns assuntos, para certificarmos-nos de situações passadas e para comparar opiniões. Algumas destas fontes foram, ainda, imprescindíveis para a identificação e localização de referências e fontes documentais e bibliográficas com interesse para a nossa investigação.

No entanto, perante o vasto número de documentação e bibliografia encontrada inquieta-nos o facto de poder ter prescindido ou de não ter dado a devida atenção a alguma fonte documental de referência ou de grande importância para uma maior valorização deste trabalho.

### **As fontes documentais não escritas: a cartografia e a iconografia**

Desde há muito que a imagem tem uma importância relevante para o conhecimento.

M. Faria e E. Pataca relembram que Demócrito, filósofo pré-socrático, já afirmava que “a construção da racionalidade se baseia na apreensão da realidade através dos sentidos”<sup>6</sup>. Com o Renascimento, esta concepção do conhecimento e da ciência volta a ser determinante, constituindo a representação visual uma forma de linguagem universal. A partir do século XVI surge uma “nova” ciência baseada na observação da natureza e na experimentação, de que é exemplo a História Natural que surge no século XVII, e onde era

---

<sup>5</sup> Cujo sítio é: [www.nesos.net](http://www.nesos.net)

<sup>6</sup> Faria, M., Pataca, E. M. (2005). Ver para Crer: a importância da imagem na gestão do Império Português no final de Setecentos. Anais da Universidade Autónoma de Lisboa, Série História, Vol. 9-10, 61-98, pág. 64.

necessário *ver* antes de se *nomear*. “A construção de modelos imagéticos passou então a se incorporar à prática científica. Os cientistas passaram a aceitar que as imagens visuais faziam parte da linguagem científica”<sup>7</sup>. A expressão visual passou a ter uma finalidade informativa e didáctica, e o recurso à imagem vulgarizou-se sob a forma de mapas, de desenhos e pinturas e, posteriormente, sob a forma de fotografias.

O uso destas e de outras imagens tem vindo a generalizar-se. E para além de recursos informativos e didácticos, complementares à escrita, passaram, com a chegada da fotografia, a ser um testemunho de autenticidade do passado, permitindo efectuar comparações e estabelecer pontes com o presente.

A cartografia urbana e as diversas formas de iconografia da cidade tiveram um papel preponderante nesta investigação. Diversas cartas e plantas da cidade; pinturas, gravuras, desenhos e fotografias sobre o Funchal foram recolhidas em arquivos, bibliotecas e museus da Região Autónoma da Madeira e do Continente – Arquivo Geral da Câmara Municipal do Funchal, Arquivo Regional da Madeira, Arquivo Histórico Ultramarino; Sociedade Portuguesa de Geografia; Biblioteca Pública Regional da Madeira, Biblioteca Victor de Sá, Biblioteca Nacional; Museu Quinta das Cruzes e Casa Museu Frederico de Freitas -, e posteriormente alvo de uma análise atenta.

A análise destas fontes documentais não escritas, de sucessivos momentos históricos, a sua comparação com outras actuais e com a própria cidade de hoje permitiu reconstruir e, ainda, formular hipóteses de reconstituição dos traçados urbanos no Funchal e da sua evolução no tempo.

Resta ainda salientar que as informações que estas formas de expressão visual nos forneceram foram confrontadas e cruzadas com diferentes tipos de documentos escritos consultados.

---

<sup>7</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 65.

## **A cartografia**

A cartografia constitui uma fonte documental privilegiada para a compreensão do passado urbano e para o estudo da morfologia urbana.

Com o tempo, os mapas, as cartas e as plantas, que nos mostram os traçados urbanos das cidades ou de parte delas, assumem um valor documental, por vezes, muito superior aos objectivos imediatos para os quais foram elaboradas, passando a constituir importantes fontes de história.

Na verdade, a análise de cartas, de diferentes épocas, de uma cidade permite não só analisar e comparar o traçado e a estrutura dos seus espaços, como também identificar e localizar ruas, praças, edifícios e, inclusive, a distribuição das diferentes funções na cidade.

A sua leitura depende daquilo a que nos propomos estudar. De facto, a cartografia permite-nos fazer uma leitura a vários níveis e escalas, cada qual com o seu significado e informação.

No caso da cartografia urbana, ela dá-nos, por exemplo, informações sobre a localização geográfica e as razões da escolha do sítio para a implantação dos núcleos urbanos; as características fundamentais dos traçados em sucessivos períodos históricos; a génese e os principais períodos de desenvolvimento; as sucessivas intervenções urbanísticas e a localização dos diferentes espaços da cidade.

Interessa, ainda, salientar que a legenda e as ilustrações que acompanham a cartografia – por exemplo, desenhos e perfis de fortificações ou desenhos de paisagens urbanas – constituem preciosas fontes de informação, que enriquecem e complementam as cartas com elementos que de outra forma só através de outras fontes se poderiam ter acesso.

Na utilização da cartografia como fonte de investigação torna-se necessário que tenhamos em atenção que esta, independentemente de ser uma representação da realidade ou de um projecto ou intenção a construir, mostra-nos antes de tudo a leitura do seu autor e/ou dos seus promotores. Por outro lado, a leitura, o significado e a interpretação que hoje fazemos de uma carta antiga é certamente diferente daquele que ela tinha quando foi elaborada.

Assim, as informações que resultam da sua leitura e interpretação devem ser alvo de uma análise cuidada e de uma verificação e comparação com outras fontes.

## **A iconografia**

A iconografia – pintura, gravura, desenho e fotografia –, à semelhança da cartografia, constitui também uma importante fonte documental da cidade.

Ela dá-nos uma visão tridimensional das cidades, o que no fundo vai complementar a leitura da própria cartografia e dos documentos escritos. Contudo é importante aqui realçar que enquanto a pintura, a gravura e o desenho nos dão uma “realidade” que é muitas vezes o produto de uma recordação, da imaginação ou de uma reconstituição, a fotografia é “o real no estado passado”<sup>8</sup>, que resulta de um acto espontâneo que capta directamente o momento e o perpétua no tempo.

Embora tenhamos privilegiado a fotografia neste trabalho, é importante salientar que recorreremos algumas vezes a pinturas, gravuras e desenhos, enquanto “testemunhos” de lugares há muito desaparecidos na cidade.

Esta nossa opção deve-se fundamentalmente ao facto da fotografia não só ser o registo de um momento real e particular, como

---

<sup>8</sup> Barthes, R. (1980). A câmara clara. Lisboa: Edições 70, pág. 93.

também constituir, em si, um “certificado” desse mesmo momento. Relativamente a isto, Roland Barthes afirma que “aquilo que a fotografia reproduz até ao infinito só acontece uma vez” e que “nela, o acontecimento nunca se transforma noutra coisa”<sup>9</sup>. Lembrando, ainda, que “a essência da fotografia é ratificar aquilo que representa”<sup>10</sup>.

A fotografia surgiu no século XIX, tendo sido anunciada em 1839 à Academia das Ciências como “a invenção de uma nova forma de representação ou de reprodução do mundo”<sup>11</sup>.

Bauret faz questão de salientar que desde bem cedo tanto os cientistas como os geógrafos e os etnólogos encararam a fotografia como um documento seguro, pois permitia “mostrar numa imagem, exacta e minuciosa, uma infinidade de pormenores que, por vezes, precisariam de várias páginas de descrição”<sup>12</sup>, tornando-se “um novo instrumento” enquanto “informação visual”, contribuindo para o conhecimento e para a compreensão dos acontecimentos<sup>13</sup>.

A fotografia passou assim a ser um testemunho fiável de uma realidade, que permite, mais tarde, recordar e atestar a existência dessa mesma realidade. Barthes diz que a fotografia “não inventa, é a própria autenticação” e que, por conseguinte, ela dá-nos uma certeza que nenhum texto pode dar<sup>14</sup>.

Gabriel Bauret afirma que devido à fotografia “a pintura se afastou, pouco a pouco, de uma prática figurativa marcada por preocupações de ordem realista” porque “a fotografia se propôs substituí-la nesta tarefa, se ofereceu como uma forma de

---

<sup>9</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 12.

<sup>10</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 96.

<sup>11</sup> Bauret, G. (1992). A fotografia: história, estilos, tendências e aplicações. Lisboa: Edições 70, pág. 41.

<sup>12</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 25.

<sup>13</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 23.

<sup>14</sup> R. Barthes, *op. cit.*, pág. 96.

representação mais segura, devido ao facto de o procedimento ser considerado cientificamente irrepreensível”, o que tem vindo a criar a ideia de que “o valor de um testemunho trazido pela fotografia não se discute; que este tipo de documento atesta a veracidade dos factos”<sup>15</sup>. Contudo, actualmente, com o avanço da tecnologia, isto poderá não ser verdade pois é possível construir e reconstruir uma fotografia, através da sua manipulação.

Além disso, Bauret lembra ainda que “a simples escolha de um ponto de vista”, por parte do fotografo, “que seguidamente se materializa pelo enquadramento, constitui (...) um compromisso marcado com uma certa subjectividade” uma vez que “a decisão de mostrar esta ou aquela coisa num determinado instante” depende do que o fotógrafo quer mostrar ou dar a conhecer<sup>16</sup>.

Apesar disto, a fotografia pode ser vista como um documento que permite olhar e reviver<sup>17</sup> o passado, compará-lo com o presente e contextualizar alguns momentos.

A fotografia da cidade, por ser extremamente compósita e integrar uma série de pormenores, permite não só realizar várias leituras sobre o momento em que foi captada mas também compará-la com outros momentos e compreender o que mudou, o quanto mudou e como mudou.

Relativamente a este aspecto, G. Bauret salienta que “há coisas que a fotografia sabe mostrar, mas que a pintura (...) não sabe ou não pode mostrar”, nomeadamente “determinados aspectos da vida, determinadas realidades do mundo”, onde “(...) a fotografia tem uma maneira, só dela, de fazer parar o tempo, sugerindo, por vezes,

---

<sup>15</sup> G. Bauret, *op. cit.*, pág. 42.

<sup>16</sup> Idem, *op. cit.*, pág. 43.

<sup>17</sup> *Reviver* no sentido de trazer à lembrança. Nesta perspectiva, R. Barthes lembra que a fotografia não restitui aquilo que é abolido pelo tempo, pela distância, mas sim confirma que aquilo que nela vemos existiu realmente (R. Barthes, *op. cit.*, pág. 92).

o antes e o depois do *instante decisivo*” através de um pormenor que memoriza. O autor lembra ainda que “existe a emoção que só a imagem fotográfica sabe produzir, ao mostrar uma pessoa, um sítio, uma coisa que já mudou ou que já desapareceu. Isto acontece, sem dúvida, porque a fotografia está associada no nosso espírito, mais ou menos confusamente, à ideia da morte. A fotografia mostra, pois, coisas que só ela é a única a poder mostrar (...)”, pois o seu “carácter relativamente espontâneo” sugere uma “representação da realidade mais brutal, mais natural”<sup>18</sup>. Neste sentido a fotografia é singular, original.

Pelo que se disse, as fotografias por nós recolhidas em diferentes instituições e, ainda, aquelas que fizemos da cidade contemporânea ao longo destes nove meses, constituem um importante repositório de testemunhos da cidade do Funchal na segunda metade do século XIX e dos séculos XX e XXI.

---

<sup>18</sup> G. Bauret, *op. cit.*, pág. 114 e 115.